

I

O que me levou a fazer esta viagem à África? Não há qualquer explicação imediata. As coisas pioravam cada vez mais e depressa se tornaram demasiadamente complicadas. É-me doloroso recordar o meu estado de espírito quando, aos cinquenta anos, comprei o bilhete para a viagem. Os factos começam a sobrecarregar-me e fico com um grande peso no peito. É uma corrida desenfreada — os meus pais, as minhas mulheres, as minhas amantes, os meus filhos, a herdade, os animais, os meus hábitos, o meu dinheiro, as lições de música, a bebedeira, os meus preconceitos, a brutalidade, os meus dentes, o meu rosto, a minha alma! Tenho que gritar: «Não, não, deixem-me, malditos, deixem-me só!» Mas como podem eles deixar-me só? Fazem parte do meu ser. São meus. E sufocam-me por todos os lados. É um caos.

Contudo, o mundo, que eu considerava um opressor todo-poderoso, deixou de odiar-me. Mas, se decidi explicar-vos os motivos que me levaram a África, devo encarar os factos. Posso começar pelo dinheiro. Sou rico. Herdei de meu pai três milhões de dólares depois de ter pago todos os impostos. Mas sempre me julguei um pobre diabo, e cá tinha as minhas razões, principalmente porque procedi sempre como um pobre diabo. Quando as coisas pioravam compulsava livros, muito às escondidas, para ver se descobria palavras de esperança, e certo dia li: «O perdão é eterno e a virtude não é necessária.» Fiquei muito impressionado e durante algum tempo andei a repetir isto para comigo próprio. Mas depois esqueci-me do livro onde lera a sentença. Era um entre os milhares que o meu pai me deixara, o meu pai, que, por sua vez, também escrevera um bom número de livros. Lancei-me na pesquisa, consultando dezenas de volumes, mas só encontrei dinheiro, pois o meu pai tinha o hábito de utilizar notas de banco para marcar as páginas — tudo quanto tivesse nos bolsos —, notas de cinco, de dez,

de vinte dólares. Algumas, de há trinta anos, já fora de circulação, voltaram a aparecer, grandes e amareladas. Fiquei contente por vê-las, recordando os velhos tempos, e, tendo fechado a porta à chave para que os miúdos não me importunassem, passei uma tarde na biblioteca, encavalitado no escadote, a sacudir os livros e a ver as notas caírem no soalho. Mas nunca mais voltei a encontrar aquela sentença sobre o perdão.

Agora vejamos: sou licenciado por uma Universidade da *Ivy League* e, mencionando-a, não acho que possa causar-lhe qualquer embaraço. Se não fosse um Henderson, e filho de meu pai, teriam corrido comigo. Quando nasci pesava seis quilos e trezentos e cinquenta gramas e o parto foi difícil. Depois cresci. Um metro e noventa de altura. Cento e dez quilos de peso. Uma cabeça enorme, rude, coberta por uma cabeleira que parece lã de carneiro persa. Olhos desconfiados, quase sempre franzidos. Modos violentos. Um grande nariz. De três rapazes, fui eu o único que sobreviveu. Fiz tudo para que o meu pai me perdoasse, mas suponho que nunca o fez. Quando chegou a ocasião de casar, tentei agradar-lhe e escolhi uma rapariga do nosso meio social. Uma pessoa notável, bela, alta, elegante, saudável, com longos braços e cabelo dourado, recatada, fecunda e tranquila. Ninguém na sua família discutirá comigo se eu disser que ela é esquizofrénica, pois certamente que o é.

Também há quem me julgue desequilibrado, e com boas razões — taciturno, violento, tirânico e, possivelmente, louco. A avaliar pela idade das crianças, casámo-nos há perto de vinte anos. As crianças são Edward, Ricey, Alice e mais duas. — Oh, céus!, arranjei muitos filhos. Que Deus os abençoe.

À minha maneira, trabalhei muito. O sofrimento é uma espécie de trabalho, e muitas vezes já antes do almoço eu estava bêbado. Pouco depois de regressar da guerra (já não tinha idade para missões de combate mas nada consegui dissuadir-me: fui a Washington e consegui apoios até permitirem que eu combatesse), Frances e eu divorciámo-nos. Foi algum tempo depois do Dia da Vitória. Terá sido tão cedo? Não, deve ter sido em 1948. De qualquer maneira, ela agora está na Suíça com um dos nossos filhos. Não sei explicar-vos o motivo por que ela quis um filho, mas ficou com um, e acho muito bem. Não lhe quero mal.

Fiquei encantado com o divórcio. Permitiu-me reorganizar a vida. Já arranjava outra mulher, e cedo nos casámos. A minha segunda mulher chama-se Lily (Simmons é o seu nome de solteira). Temos dois

gêmeos. Novamente me sinto atacado pela ânsia de movimento — dei uma vida terrível a Lily, pior do que a Frances. Frances punha-se à parte, o que a protegia, mas Lily não arredava pé. Talvez as perspectivas de uma vida melhor me tenham desorientado, pois estava habituado a uma vida péssima. Sempre que Frances não gostava de qualquer coisa que eu fazia — e isso acontecia muitas vezes — afastava-se de mim. Era como a Lua de Shelley, vagueava solitária. Mas Lily não, e eu fazia-lhe cenas em público e em casa blasfemava. Armava zaragatas nos bares da região próximos da minha quinta, e a Polícia metia-me na cadeia. Eu afirmava que era homem para todos eles, e certamente ter-me-iam tratado da saúde se não fosse uma das personagens proeminentes do condado. Lily chegava e punha-me em liberdade, sob fiança. Depois andei à bulha com o veterinário por causa de um dos meus porcos, e a seguir com o condutor de um limpa-neve na estrada nacional n.º 7, quando o homem tentou obrigar-me a sair do seu caminho. Depois, há cerca de dois anos, caí de um trator, quando estava muito bêbado, e quebrei uma perna. Durante meses andei de muletas, batendo em tudo que se atravessasse diante de mim, homem ou animal, e transformei a vida de Lily num inferno. Com uma corpulência de jogador de futebol, tez de cigano, blasfemando, gritando, arreganhando os dentes e abanando furiosamente a cabeça, não admira que todos fugissem de mim. Mas isto não foi tudo.

Lily está, por exemplo, a falar com algumas senhoras e eis que eu entro, com o aparelho de gesso coberto de imundície e com meias. Visto um roupão de veludo escarlate que comprei no Sulka, em Paris, para comemorar o dia em que Frances pediu o divórcio, e como complemento trago um boné de caça vermelho. Assoo-me e limpo o bigode aos dedos. Depois aperto a mão dos presentes, dizendo: — Sou Henderson. Muito prazer. — Diriço-me a Lily e também lhe aperto a mão como se ela fosse uma visita, um estranho como os outros. E digo: — Muito prazer. — Calculo que as senhoras presentes devem estar a cogitar: «Nem sequer a conhece. Ainda se julga casado com a primeira. Não é uma coisa horrível?» Esta fidelidade imaginária espanta-as.

Mas estão completamente enganadas. Como Lily sabe, foi tudo propositado. Quando ficamos sós ela grita-me: — Gene! Qual é a tua ideia? Que andas tu a tramar?

Todo apertado no cordão vermelho, ergo-me para ela, metido no roupão de veludo, com o aparelho de gesso a bater no chão, meneio a cabeça e digo: — Tchu, tchu, tchu.

E tudo isto porque, quando me trouxeram para casa metido neste mesmo aparelho ensanguentado, ouvi-a dizer ao telefone: — Foi só mais um acidente. Tem sempre muitos acidentes, mas, oh!, ele é tão forte! Não há nada que o mate! — «Nada que o mate! Como é que se pode gostar disto!» Fiquei desesperado. Bem, talvez Lily tivesse dito aquilo a brincar. Gosta de brincar ao telefone. É uma mulher cheia de vida. Tem um rosto bonito, a condizer com o carácter. Também já passámos belos tempos. E, pensando nisso, os melhores tempos foram durante a sua gravidez, no fim. Antes de adormecermos untava-lhe o ventre com óleo, para atenuar as estrias. Os bicos dos seios, rosados, tornaram-se castanhos, e as crianças moviam-se dentro do ventre, modificando-lhe a forma arredondada.

Untava-lhe o ventre com o maior cuidado para que os meus grandes dedos não lhe causassem o mais leve dano. E depois, antes de apagar a luz, limpava os dedos nos cabelos de Lily, dava-lhe um beijo e, rodeados pelo perfume do óleo, adormecíamos.

Mas mais tarde começou de novo a guerra, e quando a ouvi dizer que nada me poderia matar dei à frase uma interpretação inversa, embora soubesse que assim não era. Não, tratei-a como uma estranha diante das visitas porque não gostava de a ver portar-se como se fosse a dona da casa; porque eu, o único herdeiro deste nome famoso e desta propriedade, sou um pobre diabo e ela não é uma senhora, mas apenas a minha mulher — apenas a minha mulher.

Como os invernos me faziam piorar, ela decidiu que devíamos ir para um hotel no Golfo, onde eu poderia pescar. Um amigo atencioso tinha dado aos gémeos um par de físgas de madeira flexível. Quando tirava os fatos das malas no hotel descobri uma das físgas e comecei a atirar com ela. Desisti de pescar e sentava-me na praia a atirar pedras às garrafas. Deste modo as pessoas poderiam dizer: — Vês aquele narigudo com um grande bigode? Bem, o bisavô dele foi Secretário de Estado, os tios-avós foram embaixadores na Inglaterra e na França, o pai foi o famoso académico Willard Henderson, que escreveu um livro sobre os Albigenses, amigo de William James e Henry Adams. — Diriam isto? Suponhamos que sim. Lá estava eu na praia com a minha bela e ansiosa segunda esposa, que tinha pouco mais de um metro e setenta de altura, e os nossos gémeos. Na sala de jantar deitava aguardente no café matinal e na praia espatifava garrafas. Os hóspedes queixaram-se ao gerente por causa dos vidros quebrados e o gerente dirigiu-se a Lily; a mim não queriam eles fazer frente. Uma casa elegante que não aceitava judeus, e logo, por azar, lhes caíra em cima um

E. H. Henderson! As outras crianças deixaram de brincar com os gémeos e as senhoras evitavam Lily.

Lily tentou chamar-me à razão. Estávamos no nosso quarto e eu tinha vestido um fato de banho; ela começou a discussão por causa da físga e dos vidros quebrados e também por causa das minhas atitudes para com os outros hóspedes. Ora Lily é uma mulher muito inteligente. Não censura, mas moraliza; é muito dada a estas coisas, e quando isso acontece fica lívida e fala até perder o fôlego. Não é que ela tenha medo de mim, mas isso sucede sempre que tem uma crise.

Mas, como discutir comigo nunca dá resultado, começou a chorar. Quando vi as lágrimas perdi a cabeça e gritei: — Vou estoirar os miolos! Vou-me matar! Não me esqueci de trazer a pistola. Tenho-a aqui!

— Oh, Gene! — gritou ela, cobrindo o rosto com as mãos e fugindo. E vou dizer-vos porquê.